

Deu-se a feliz coincidência de termos falado muito nas últimas semanas em que pudemos contar com a sua presença. A última vez, de viva voz, foi no Hotel Palácio do Estoril no Encontro do IEP. Jamais esquecerei a palavra amiga que me segredou e que foi mais uma demonstração de uma relação de confiança construída ao longo de muitas décadas, em que a vida política e cívica se confundiu naturalmente com a amizade e o afeto. Maria de Jesus não escondia esse sentido quase maternal que significava, afinal, que a vida humana não faz sentido se não cuidar da dignidade do ser. Dias antes do acidente, telefonara-me a pedir um conselho técnico... Com a sua inteligência e argúcia foi fácil rapidamente partilharmos uma conclusão, que sem dificuldade seguiu. E terminou o telefonema dizendo - «Era o que me parecia, mas não quis avançar sem o ouvir». De facto, eu em nada a ajudara, disse-lhe apenas o que pensava e que já estava num caminho que me parecia certo, mas ao menos tive o gosto a ouvir. Hoje, quando tudo aconteceu tão repentinamente, recorro no íntimo esse sinal de profunda amizade. E, em maré de recordações, invoco a homenagem de surpresa que pudemos partilhar por ocasião dos seus noventa anos, em que estive a seu lado com enorme gosto. Mas também lembro o que me disse, com que entusiasmo, sobre a conversa que tivera com o Papa Francisco. E que sinais extraordinários pôde revelar, de abertura, de atenção, de cuidado, de justiça e de paz... Nunca olvidarei esse testemunho vivo. José Cutileiro disse melhor do que alguém poderia dizer o que Maria Bar-

roso foi: «a sua inteligência, grandeza de alma, doçura, simpatia e tolerância têm sido louvadas. Mas não esquecer a rijeza diamantina da sua fibra moral, alicerce onde tudo o resto assentava».

No mesmo dia em que fomos dizer adeus a Maria de Jesus, Alberto Vaz da Silva também partiu. E Sophia era para ele igualmente referência fundamental. Não podemos compreender bem a importância essencial da autora de «Mar Novo» sem recorrer ao testemunho crítico de Alberto. Leia-se o pequeno livro «Evocação de Sophia», com prefácio de Maria Velho da Costa e posfácio de José Tolentino Mendonça (Assírio e Alvim, 2009). É uma preciosidade. É a melhor das sínteses para entender a importância singularíssima de Sophia. E lá estão, em diálogo, todos os elementos que nos são lembrados na Carta do «Livro Sexto». Na celebração dos setenta anos do CNC, Alberto já não pôde estar, mas o seu neto Martim recebeu, em seu nome, a Medalha de Mérito Cultural do governo português (ao lado do reconhecimento de Gonçalo Ribeiro Telles). Foi uma bela, justa e inesquecível homenagem que há muito tardava, para um dos mais apurados conhecedores da literatura e da arte em Portugal. E se falámos do conhecimento finíssimo da obra de Sophia, não esquecemos o amor da arte e a compreensão exata de Carlos Queiroz ou de Agustina Bessa-Luís. Como gostava de recordar, citando Apollonius de Tyana: «Ninguém morre senão em aparência, do mesmo modo que ninguém nasce senão aparentemente. A mudança do ser para o devir parece ser

o nascimento e a mudança do devir para o ser parece ser a morte, mas na realidade ninguém jamais nasce nem ninguém jamais morre. É apenas um ser-se visível e logo após invisível...». De uma curiosidade insaciável, Alberto soube sempre trilhar caminhos inesperados e espantosos. José Tolentino Mendonça fez, aliás, questão de recordar essa capacidade de espanto no vocabulário único do cultor do estudo dos astros ou da grafologia, em busca de psicologia das profundidades. Nunca deixou, por isso, de reler Carlos Queiroz: «Ver só com os olhos / É fácil e vão: / Por dentro das coisas / É que as coisas são». Isto tinha muito a ver com o que o Alberto era. «Um dia serei alegre!», com a «a mágoa de não sentir / Essa alegria sem par / que têm os santos a agir / E as crianças a brincar, / Essa alegria gerada / Numa suprema inocência / que toca de transcendência / Até as coisas de nada». Vem à baila a frase de Saint-Martin: «Houve certos seres através dos quais Deus nos amou». Alberto lembrava, assim, Helena, sua mulher, e todos quantos foi encontrando nos caminhos da vida. Era assim a sua fé, feita de afeto e espontaneidade. Afinal, o seu conhecimento enciclopédico permitia-lhe fazer compreender tudo para além do imediato. Lembrando Cristina Campo, era daqueles «que desenham com as suas vidas um mapa de tal modo original que se torna necessário à viagem dos outros». O quotidiano ligava-se ao eterno, naturalmente. Ao lembrar os amigos mortos, ajudado por Sophia, falo, assim, da força e da dificuldade que é ter a liberdade no coração. ■

## Maria Barroso, excelente senhora

Há uma característica especial da Dra. Maria de Jesus Barroso Soares que merece ser destacada: a sua condição cristã.

**I**números depoimentos evocaram já a Dra. Maria de Jesus Barroso Soares, por ocasião do seu recente passamento. Muitos recordaram a actriz e declamadora, bastantes traçaram o perfil da fundadora e militante do Partido Socialista, quase todos sublinharam o seu empenhamento político e social, nomeadamente como presidente da fundação Pro Dignitate e vencedora do prémio Fé e Liberdade, do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Lembrada foi ainda na sua qualidade de mulher do ex-presidente da República, Dr. Mário Soares. Particular-

mente emotiva foi a homenagem que lhe prestaram os alunos e docentes do Colégio Moderno. Todos estes seus predicados ajudam a compreender a riqueza da sua polifacetada personalidade, mas não explicam suficientemente a excelência da sua pessoa, sobretudo na última etapa da sua vida.

Há, com efeito, uma especial característica da sua existência que se destaca pela sua transcendência: a sua condição cristã. Embora baptizada à nascença, viveu muitos anos arredada da Igreja, a que voltou há aproximadamente vinte e cinco anos. Foi portanto, de certo modo, uma convertida, uma católica da última hora. Mas, como a parábola evangélica ensina, a tardança do seu regresso em nada prejudica a qualidade da sua fé, nem diminui o seu mérito sobrenatural.

São conhecidas as circunstâncias em que ocorreu a sua conversão ao catolicismo: uma grande aflição familiar levou-a, num gesto quase desesperado, a recorrer a Deus. O milagre acabou por se realizar: não sei se o da cura pedida, que pode ter ocorrido por causas naturais, mas sim o do seu inesperado regresso à fé cristã.

Talvez pareça duvidosa uma conversão verificada numa situação que, a bem dizer, é mais emocional do que racional. Mas poderá alguém estranhar que a crença que, precisamente, se identifica com a cruz, seja pela mesma cruz encontrada?! Nada mais lógico e natural, porque a realidade do sofrimento, próprio ou alheio, interpela a consciência com questões a que só a fé em Deus logra responder de forma satisfatória. Ou não, porque também não faltam casos de pessoas que, ante



POR  
**Padre  
Gonçalo  
Portocarrero  
de Almada**

Cronista do Jornal  
*Observador*

uma semelhante experiência, renegaram a fé e se revoltaram contra o Criador.

Embora essa inesperada dor tenha sido a ocasião de uma mudança tão radical e duradoira, não foi a sua causa. Um encontro fortuito também pode ser o início de um grande amor, mas nunca será a sua principal razão de ser.

Com efeito, um momento de angústia pode suscitar uma súplica instantânea, como um grito em forma de prece, mas uma opção que perdura para toda a vida não pode ter apenas um tão fugaz fundamento. Foi necessário que essa breve intuição transcendente fosse depois explicitada intelectualmente. É o que, de forma análoga, acontece quando alguém se apaixona: a emoção inicial deve, numa segunda etapa, amadurecer em termos racionais e afectivos. Se este processamento não acontecer, a ignição esgota-se em si mesma, como uma paixão abortada, que nunca chegará a ser um verdadeiro amor.

A conversão não é obra de um instante, mas empresa para toda a vida. Pode haver um momento exacto de deslumbramento, mas esse novo horizonte nunca está totalmente reconhecido. Por isso, nem todas as

verdades da fé, ou as suas consequências morais, são imediatamente percebidas pelo converso, que deverá depois percorrer um longo caminho de progressiva explicitação da doutrina em que crê. Uma atitude menos esclarecida, ou aparentemente incoerente, deve ser portanto entendida com a indulgência que uma fé incipiente requer. Neste sentido, a conversão é, para todos os crentes, um processo contínuo que, na verdade, só se conclui com a visão beatífica.

O fantasma de Jean Barois ainda ensombrece as conversões tardias, que alguns querem crer menos credíveis, porque verificadas no crepúsculo da vida. Para alguns, a velhice pode ser sinónimo de demência ou de enfraquecimento da vontade, mas não foi o caso, porque na véspera do acidente que a vitimou, a Dra. Maria de Jesus Barroso Soares ainda participou activamente no Estoril Political Fórum, com aquela discreta mas lucidíssima inteligência que a caracterizava e que sempre a acompanhou.

Em boa hora a chamou o seu Senhor, mas não sem antes experimentar, de algum modo, a sua paixão. A vida humana, mesmo que em sofrimento, não pode ser intencionalmente abreviada, nem deve ser artificialmente prolongada para além do seu termo natural. Esse doloroso final teve um sentido catártico porque, como oportunamente recordou Mons. Feytor Pinto, a morte desta excelente senhora “foi um momento de libertação, ao encontro de Deus”. Com efeito, para os cristãos a morte é uma experiência pascal, ou seja, a passagem desta vida para a vida eterna. ■

in Jornal *Observador*, 11 de Julho de 2015

## Dedicatória a Maria de Jesus

Teria ido muito longe na política não fora a partilha de vida com alguém chamado Mário Soares. Foi por outro caminho. O que nunca, em quase setenta anos de teto comum, quis dizer sombra.

**T**oda a gente vai escrever ou dizer tudo sobre Maria Barroso. Ou melhor, tudo talvez não, afinal. Não é fácil encaixar em palavras coisas tão magnas como qualidade, autenticidade, profundidade e responsabilidade. Ou como coragem, inteireza, intuição e talento (a rodos).

Foi uma excelente pedagoga e uma vibrante comunicadora, era intuitiva e observadora. Teria ido muito longe na política não fora a partilha de vida com alguém chamado Mário Soares. Chegaram “lá” os dois ao mesmo tempo. Ele ficou, abrindo um lugar cativo, ela deixou-o fi-